

CARACTERIZAÇÃO DO LÉXICO DA OBRA ALENCARIANA *O SERTANEJO*: FAUNA E FLORA

Silvana Rodrigues de Souza QUEIROZ¹ (UFU)

RESUMO: Neste trabalho apresentamos os resultados de um estudo léxico-semântico dos substantivos representativos dos campos léxicos flora e fauna na obra alencariana *O sertanejo*, objetivando verificar aspectos do léxico utilizado por Alencar na configuração do espaço geográfico denominado, por ele, sertão. Objetivamos demonstrar, ainda, que a formação desses campos léxicos são reveladores da intenção do autor em relação ao seu propósito maior: criar uma literatura que revelasse os “modos brasileiros” seja na língua, na cultura, na natureza ou na geografia. .

PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia, campos léxicos, descrição semântica, vocabulário, José de Alencar.

ABSTRACT : In this paper we present the results of a lexical-semantic study of the main nouns in flora and fauna lexical fields of the novel *O Sertanejo* by José de Alencar, with the purpose of verify lexical aspects used by the author in the establishment of the geographical space named by him as *sertão*. It is still tried to demonstrate that the formation of these lexical fields are revealing of the author's intention in relation to his major proposal: to create a literature that shows the Brazilian ways in language, culture, nature or geography.

KEY-WORDS: Lexicology; lexical field; semantic description; vocabulary, José de Alencar

1. Introdução

Já é por demais conhecida a idéia de que é pela palavra que o homem nomeia, cria e transforma o universo real. É pela linguagem que ele troca experiências, fala sobre si mesmo, fala de seu mundo, conhece seu passado e constrói sua história. Produz as ciências e as artes. Assim sendo, o estudo do léxico, esse acervo vocabular interiorizado na mente do indivíduo, torna-se de suma importância, já que, por meio dele, podemos conhecer o processo de desenvolvimento e de transformação de uma língua.

Tanto é que temos assistido, ultimamente, a um significativo crescimento e interesse de pesquisadores em torno da investigação sobre o Léxico. No próprio meio acadêmico têm surgido inúmeras pesquisas que objetivam ao estudo sistemático do Léxico, seja focalizando textos literários ou não-literários. Aliás, sobre isso sabemos que na história da Lingüística da Europa Ocidental, a crítica e o conhecimento Literário, ao lado dos estudos filosóficos, já constituíam importante fonte de estudo sistematizado da língua.

E a história mostra-nos que não foram poucos os estudiosos que já produziram importantes obras seja sobre o léxico, seja sobre a relação natural que envolve língua e cultura ou léxico e sociedade. Nomes importantes surgiram na formulação de estudos sobre essa relação. Um deles, por exemplo, foi George Matoré (1953) ao preconizar que o léxico é “testemunho da sociedade” e reflete as diferentes fases que determinam e compõem a história dessa sociedade.

Segundo esse pesquisador, a Lexicologia, assim como a Sociologia, têm como objetivo, o estudo dos fatos sociais. A Lexicologia se configura como uma disciplina sociológica, que utiliza as palavras como material lingüístico.

Depreende-se disso, o caráter social da Lexicologia o que pode ser reafirmado pelas próprias palavras de Matoré (1953), ao informar que:

[...] ao constatar a impossibilidade de dissociar na linguagem a forma do conteúdo, a Lexicologia se fundamentará não sobre formas isoladas, mas sobre conjuntos de noções, a estrutura e as relações sendo explicadas pelos fatos sociais, dos quais os fatos do vocabulário são ao mesmo tempo o reflexo e a condição. (MATORÉ, 1953, p. 94)²

Assim, o estudo aqui realizado considera e adota a visão de que é no léxico que podemos ver refletidos os aspectos do mundo bio-sócio-cultural de uma determinada comunidade lingüística, o que nos possibilita a compreensão da forma como essa comunidade concebe seu mundo, sua realidade, suas crenças numa dada época, num dado lugar.

¹ Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia, Professora titular do Centro Universitário do Cerrado – Patrocínio (UNICERP) / E-mail: silvana@wbrnet.com.br

Sendo assim, nosso objetivo com este trabalho consiste em organizar, descrever e analisar semanticamente a classe gramatical substantivo, na obra *O sertanejo*, em campos lexicais representativos da fauna e flora, com vistas a verificar aspectos do léxico utilizado por Alencar na configuração do espaço geográfico denominado, por ele, sertão.

A pesquisa justifica-se pela importância da elaboração de um estudo léxico-semântico, pensando na possibilidade de melhor caracterizar o léxico alencariano na obra em análise, evidenciando assim, a pretensão e/ou o empenho do autor em revelar, pela palavra e pelo universo ficcional, a nação recém independente em seus aspectos bio-sócio-histórico e cultural daquela época.

Ademais, tal pesquisa poderá contribuir para a valorização e resgate desta obra que, embora muito criticada por alguns estudiosos da área, é de valor para a literatura brasileira. Através deste estudo, o consulete poderá, também, constatar o empenho de Alencar em conferir à língua portuguesa o seu “modo brasileiro”. O que é confirmado por Preti (1977), quando afirma que Alencar foi:

o primeiro defensor da causa de uma “língua brasileira” mais na prosa de ficção, no diálogo de suas personagens, mais de uma vez se manifestou sobre o purismo lingüístico, advogando sempre a tese da existência no Brasil de uma língua nova, evoluída em relação aos padrões portugueses, por fatores extralingüísticos, língua que a literatura não poderia deixar de retratar. (PRETI, 1977, p. 56)

É importante também ressaltar que análises dessa natureza podem ser úteis não só àqueles que têm interesse pelo estudo do léxico, mas também aos leitores, professores, especialistas que se interessam pelo estudo das obras de Alencar, já que são poucas as obras encontradas em que se propuseram fazer um estudo do léxico nas obras de Alencar, tidas como regionalistas. E, para os envolvidos no ensino de língua e literatura, acreditamos poder colaborar para uma atuação mais significativa quanto ao ensino, por entendermos que estudos desta natureza podem constituir-se numa nova forma de ensinar literatura e língua nas escolas de ensino médio e por que não dizer nos Cursos de graduação em Literatura.

Sobre o autor da obra em análise, importa ressaltar que, indubitavelmente, este foi, ao seu tempo, um brasileiro, um escritor ousado, pois centralizava as atenções na língua buscando o estilo de ser brasileiro, de uma expressão brasileira. Para ele o purismo, a rigidez no trato com a língua constituía-se numa estupidez daqueles que acreditava na uniformidade da língua. Por isso o autor defendia a criação de novas palavras que expressassem a cultura brasileira em suas peculiaridades. Para ele o emprego de vocábulos tais como os galicismos ou arcaísmos, regionalismos, tupinismos, neologismos devem ser vistos como processos naturais de enriquecimento da língua e produtos da vontade e necessidade do falante ao usar a língua na denominação de seu meio, na formação de sua cultura. É o que podemos confirmar no prefácio a *Sonhos d’Ouro*, quando ele afirma sua posição a favor dos novos usos: “Censurem, piquem, ou calem-se, como lhes aprouver. Não alcançarão jamais que eu escreva neste meu Brasil cousa que pareça vinda em conserva lá da outra banda [...]”³

Enfim, Alencar pode ser visto como um inovador, um lingüista no seu tempo, ao defender a língua como um instrumento social e como tal sujeita a variações. Para ele a mutabilidade das línguas é um processo natural e irreversível e, em se tratando de língua, não se pode ignorar a relação que esta mantém com a sua cultura.

Assim, a cada povo, a cada comunidade corresponde uma maneira própria de ser, de pensar e de falar. Ignorar isso é ignorar a História, é desprezar a diversidade cultural, é desrespeitar as singularidades de um povo, de uma cultura, de um país. Portanto, Alencar concebia a língua como um instrumento ideológico e, como tal, estaria a serviço do projeto de autocriação histórica, literária, política, enfim, um instrumento de autocriação cultural.

Depreendemos disso, mais uma vez a admissão pelo autor de uma concepção de língua como produto da cultura, dos costumes, das tradições e da história de um povo. Portanto, natural seria que, no Brasil, a língua portuguesa se revestisse do estilo e do jeito brasileiro de ser, revelando as características de sua natureza, de seu povo e de sua geografia.

²Tradução nossa do original:

“... constatant l’impossibilité de dissocier dans le langage la forme du contenu, la lexicologie se fondera non pas sur des formes isolées, mais sur des ensembles de notions, la structure et les relations étant expliquées par les faits sociaux, dont les faits de vocabulaire sont à la fois le reflet et la condition”. (MATORÉ, 1953, p. 94)

³José de Alencar, “*Benção paterna*”, prefácio a *Sonhos d’Ouro*, 2ª edição, São Paulo, Melhoramentos, s.d.

2. Metodologia e corpus da pesquisa

A constituição do *corpus* de nossa pesquisa resultou da identificação de todos os substantivos presentes na obra *O Sertanejo* de José de Alencar.

Após a seleção de todas as palavras que constituem a obra, que totalizou 7279 vocábulos, identificamos e selecionamos apenas os substantivos, o que resultaram em 2449 itens lexicais. Na seqüência, recortamos apenas os itens lexicais relacionados a aspectos físicos da natureza, ou seja, 320 vocábulos com 1712 ocorrências. Destes selecionamos somente os vocábulos que compõem o campo léxico da flora e da fauna, totalizando 125 vocábulos com 934 ocorrências. Excluímos de nosso levantamento os substantivos com função adjetiva e também aqueles que julgamos ter um sentido já esperado dentro do contexto.

Importa registrar, ainda sobre a constituição do *corpus*, que a opção pelos substantivos se justifica não só pela necessidade de delimitação do estudo, já que o mesmo poderia ser feito com outras classes gramaticais, mas também pelo fato de serem os substantivos a classe das designações e das nomeações. Isso os torna imprescindíveis ao estudo em questão, uma vez que pretendemos revelar a pretensão do autor em caracterizar a nação brasileira, delineando, pela palavra, os aspectos sócio-históricos, culturais e geográficos da realidade brasileira no século XIX.

Lembramos, também, que utilizamos em nossas análises alguns dicionários representativos do século XIX, quais sejam: Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva, FAC-Símile da segunda edição (1813); Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo, 4ª edição, (1925); Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1982) de Antonio Geraldo da Cunha e o Dicionário Histórico das Palavras Portuguesa de Origem Tupi (1998), também de Antônio Geraldo da Cunha.

Já as obras específicas das áreas de Botânica e Zoologia foram pela ordem a *Enciclopédia de Plantas Brasileiras*, (c1988), o livro *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil* (1992 – 2002) de Harri Lorenzi e o *Dicionário dos Animais do Brasil* (2002), de Rodolpho von Ihering. Utilizamos, além dessas, outras fontes lexicográficas tais como livros, catálogos e enciclopédias específicas de Botânica e Zoologia, além de pesquisa em meio eletrônico.

Finalmente, resta-nos esclarecer que para a organização e ordenação dos itens lexicais utilizamos o *Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg*. O referido sistema é de base estruturalista e surgiu com o propósito de oferecer um método que pudesse ser utilizado no estudo sistemático do vocabulário de um autor ou de uma época, e que fosse organizado, não por ordem alfabética, mas por conceitos. Tinha por objetivo criar um sistema empírico de referências extra-lexicais contendo os conceitos gerais da linguagem.

Para tanto, os autores supracitados fundamentaram tal sistema em dois princípios básicos da teoria da linguagem de Humboldt, quais sejam: 1) a língua não serve tão somente para expressão e para a comunicação, mas ela cria um mundo espiritual intermediário, que se insere entre o “eu” e o “mundo exterior”. Trata-se de uma “imagem de mundo” que se transmite a cada falante de uma dada comunidade lingüística, seja pelo ensino, seja pelo uso que se faz da língua materna no decorrer de sua existência; 2) o princípio da articulação, defendido por Saussure, segundo o qual todos os modos de expressão de uma língua compõem um sistema, dentro do qual cada parte compõe com as outras e está condicionado por elas.

Na tentativa de correlacionar o “eu” e o “mundo”, os autores estabeleceram uma divisão conceitual do mundo em três grandes categorias: A – O universo; B – O homem; C- As relações entre universo e homem.

Tendo em vista os objetivos traçados para a presente pesquisa, qual seja, o de verificar aspectos do léxico de Alencar na configuração do espaço geográfico denominado sertão, bem como as limitações previstas para esse estudo, fizemos um recorte no *Sistema de Conceitos*, adaptando-o aos nossos objetivos, trabalhando apenas com a 1ª categoria do Sistema denominada A- *O Universo*. Nesta categoria tem-se os conceitos referentes à natureza orgânica e inorgânica, ou seja, os fatos da natureza constituem o objeto dessa primeira parte do sistema. Esta se apresenta subdividida em quatro subpartes: I – *O céu e a atmosfera*; II – *A terra*; III – *As plantas*; IV – *Os animais*.

3. Arcabouço teórico da pesquisa

3.1 – O léxico

Sobre o léxico importa ressaltar que ele é, comumente, entendido como o conjunto de itens lexicais representativos do patrimônio sociocultural de uma determinada comunidade. É, segundo Biderman (2001, p. 179), “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. E continua: “os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua”.

Assim sendo, torna-se o espelho em que vemos refletida toda a história, cultura e formas de vida ou organização de uma comunidade. Biderman acrescenta, ainda, que o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos: o indivíduo e a sociedade e que, dessa relação, se origina o Léxico.

Corroborando isso, salientamos a visão de Vilela (1995), que afirma:

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si. (VILELA, 1995, p. 13)

Sendo o léxico, recurso de expressão e interação social, devemos admitir que é no dinamismo do processo de comunicação que os usuários criam, recriam e incorporam o vocabulário de sua língua, contribuindo assim, para o processo contínuo de criação, renovação e expansão lexical.

É importante destacar, também, a posição assumida por Barbosa (1981), quando assim se refere ao léxico:

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico –, sua civilização; e compreende-se pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja reflexo, de alterações culturais. (BARBOSA, 1981, p. 120)

Portanto, na formação da língua, não há como não admitir a influência exercida pela cultura, pela realidade social de uma dada comunidade lingüística no processo de composição do léxico. Isso lhe confere o *status* de um sistema aberto, como o domínio da linguagem menos propício à sistematização e formalização, ao contrário dos sistemas fechados tais como fonologia, sintaxe e morfologia, etc.

Esse aspecto mutável do léxico é, também, confirmado por Borba (2003), ao afirmar que o léxico é “[...] um acervo de conceitos que, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio sempre instável não apenas por causa de pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, reacomodações internas” (BORBA 2003, p. 45 – 46)

Conforme podemos perceber, o aspecto de mobilidade e de representação do mundo bio-social em que o homem se insere constituem características inerentes ao léxico. Ele é produto do processo de nomeação da realidade pelo homem na tarefa de apreender, estruturar e apropriar-se do universo que o cerca. Reflete, pois, sua cultura, suas normas sociais, suas tradições, sua visão de mundo e suas experiências, tornando-se, então, o testemunho da própria história de uma dada comunidade lingüística numa determinada época.

Acrescenta-se a isso a já conhecida a idéia de que as línguas organizam, articulam a realidade e realizam o recorte do mundo de maneiras diversas. Isso evidencia o fato de que o sentido de uma palavra depende das associações e relações resultantes da maneira de pensar, do conhecimento de mundo, das experiências e valores de uma determinada comunidade lingüística em um determinado espaço e tempo.

Assim, conforme a já conhecida hipótese do relativismo lingüístico, cada língua analisa, diferentemente, as experiências não-lingüísticas, classifica e organiza de maneira distinta a realidade. Então, será da nossa língua materna que receberemos uma determinada visão de mundo, a qual é pré-determinada pelo uso da língua que falamos. Fica aqui revelada a relação indissociável entre língua, sociedade e cultura.

Nessa perspectiva, o léxico configura-se como o lado social da linguagem, como um grande sistema aberto, ou seja, um sistema constituído de um número variável e incontável de componentes, o que impossibilita a qualquer estudioso a determinação de todos os elementos que o constituem.

Biderman (2001), ainda sobre essa questão, assim se manifesta:

O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 179)

Outro importante estudioso que se sobressaiu ao abordar as relações entre léxico e sociedade foi George Matoré (1953). Para esse autor, o léxico é testemunho de uma sociedade. A palavra analisa e objetiva o pensamento individual, assumindo um valor coletivo: há uma socialidade própria da língua. Assim,

segundo o mesmo autor, a palavra é, por excelência, o fato social mais relevante e deve estar sempre ancorada por um contexto.

Portanto, língua, cultura e sociedade formam um todo indissociável que não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido, formulado a partir das experiências, dos desejos e dos acontecimentos cotidianos dos membros de uma comunidade.

Isso posto, ao analisar o léxico alencariano na obra *O sertanejo*, tivemos uma maior compreensão das alterações sócio-culturais que possam ter influenciado no processo de formação do léxico naquela época e, sobretudo, verificar como o autor vale-se dos elementos lingüísticos para compor a sua obra e fazer valer seu propósito maior: o de dar à nossa literatura cores tropicais e de transformá-la em instrumento de constituição da identidade nacional.

Finalmente, parafraseando Preti (1983, p.59), podemos afirmar que o léxico configura-se, então, como o conjunto de palavras assimiladas por uma comunidade através de seu percurso existencial, tornando-se, assim, a expressão da própria história do homem, de seus costumes, ideologia, enfim, de toda sua organização e práticas sociais.

Importante observar que esse aspecto do léxico como produto do conhecimento acumulado pelo homem através de sua existência, sublinhado pelos vários estudiosos citados neste trabalho, leva-nos a admitir, como inquestionável, o papel agentivo do homem no processo de expansão, de reelaboração e de perpetuação do léxico de sua língua. Conseqüentemente, leva-nos, também, a admitir que as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares. Assim, um vocábulo somente passará a pertencer à língua, quando passar a exprimir os valores de uma determinada comunidade lingüística e satisfazer suas necessidades de comunicação, isto é, quando for admitido por tal comunidade.

Considerando isso, podemos reafirmar que estudar o vocabulário de um autor, no caso dessa pesquisa, José de Alencar, é conhecer as práticas sociais, os modos de vida, a cultura, as tradições, os valores, de uma época. É também conhecer os desejos e intenções do autor. Enfim, é conhecer, através das estruturas lingüísticas, o patrimônio cultural de um povo. Fato este que evidencia a já tão reconhecida relação entre léxico, sociedade e cultura.

4. Análise dos dados

O *corpus* constituído nessa pesquisa representa os campos lexicais flora e fauna em seus respectivos subcampos. É importante reafirmar que para a organização e ordenação dos itens lexicais utilizamos o *Sistema de Conceitos de Hallig-Wartburg*, que nos auxiliou não só na organização das palavras em seus respectivos campos léxicos, mas também na possibilidade de elencá-las fora da ordem alfabética.

Visando à uma melhor estruturação do trabalho, elencamos em uma tabela todos os vocábulos utilizados para designar elementos da flora brasileira (categoria A, item III do SC – *As plantas*) nos subitens *generalidades, árvores de que se utiliza madeira, árvores frutíferas, plantas medicinais e plantas ornamentais*. E registramos, também, o número de ocorrências, datação e origem da palavra. Pudemos constatar que, quanto à ocorrência, os itens de maior destaque neste subitem foram *árvore (s)* – 60, *floresta* – 37, *carnaúba* -21 e *oiticica* -18.

Ressaltamos que as palavras *árvore* e *floresta* adquirem, no contexto da obra, significados especiais, ao servir de pano de fundo para a revelação da integração e harmonização do homem com seu meio.

O item *carnaúba*, por exemplo, segundo o próprio autor, simboliza as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança (p. 14), o que, na verdade, pode ser entendido como as principais características do povo brasileiro, já que Alencar pretendia revelar não apenas parte da nação brasileira, mas todo o país e todo o seu povo.

A carnaúba, dada suas características de uma planta típica de regiões mais secas, chega a tomar aspectos sagrados para sertanejo. É o que podemos constatar em:

“— A ordem que demos, José Venâncio, é de não cortar carnaúba, em qualquer parte deste sertão”. (p. 99)

“— A carnaúba é um presente do céu: é ela que na seca dá sombra ao gado, e conserva a frescura da terra. Quem corta uma carnaúba ofende a Deus, Nosso Senhor; e nós não podemos deixar sem castigo tão feio pecado”. (p. 100)

Quanto à origem das palavras, vimos que no campo léxico da flora brasileira há predomínio de palavras oriundas do tupi e do latim. Dos 125 vocábulos analisados 49 (39,2%) são oriundos do tupi, 45 (36%) do latim e 31 (24,8%) são de outras origens (árabe, francês e espanhol) ou de origem controversa. As várias palavras oriundas de outras línguas revelam as contribuições no processo de formação da língua portuguesa no Brasil, advindas, sobretudo do latim e do tupi. O uso considerável de vocábulos oriundos do

tupi, a língua geral dos índios, revela-nos a preocupação do autor em revelar as origens e o passado histórico do povo brasileiro. E para isso, o índio era figura fundamental. Já as palavras oriundas do latim podem ser compreendidas como reveladoras da postura moderada de Alencar diante da questão da língua, pois o latim representa, dentre outros aspectos, no caso da língua portuguesa no Brasil, a unidade na variedade.

Disso podemos depreender que Alencar, inspirado no ideário romântico, perseguia a independência literária brasileira, lutava para resgatar o sentimento de nacionalidade da nação, até então, subjogado pelo colonizador e entendia que, para isso, era preciso valorizar as nossas raízes, tradições, enfim, nosso passado. Nisso estava também a natureza, a língua, elementos fundamentais para o estabelecimento da identidade de um povo. Não foi à toa que o próprio autor afirmava em seu pós-escrito (1865) que “a língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo”. E continua, agora em um de seus prefácios, “Questão Filosófica” (1873), que “... o escritor verdadeiramente nacional acha na civilização da sua pátria, e na história já criada pelo povo, os elementos não só da idéia, como da linguagem que a deve exprimir”. Aqui percebemos claramente o destaque que Alencar confere à língua como instrumento de afirmação do sentimento de nacionalidade, tão precioso no momento sócio-histórico daquele momento. Descrever através da literatura a integração e harmonia do homem com a natureza, a beleza e a diversidade da flora e da fauna era uma maneira de revelar a força e a capacidade da nação. Era, ainda, uma forma de resgatar e mostrar a nossa autonomia frente à autoridade do colonizador.

É o que encontramos, por exemplo, de forma evidente, nos campos léxicos analisados: ao descrever a exuberância da flora e da fauna brasileira, Alencar destaca a variedade e riqueza das espécies do país tropical. São 53 espécies diferentes de plantas que vicejam nas mais diferentes regiões do país. Por exemplo, o subitem *A floresta, as árvores e as outras árvores de que se utiliza a madeira*, sobressai-se com relação aos demais subitens desse campo léxico, tendo em vista o número de unidades que o compõem. Formam este campo 23 vocábulos com 97 ocorrências.

Quanto à origem dos vocábulos, chamou-nos a atenção o fato de que dos 23 itens lexicais que compõem este campo léxico, 13 são oriundos do tupi. Isso pode ser compreendido como mais uma demonstração do escritor em relação à exaltação da língua geral dos índios e da diversidade de espécies de árvores brasileiras, reafirmando a nacionalidade, a história, a beleza e a grandiosidade da nação brasileira.

O que também nos chamou a atenção neste campo lexical, é que as lexias de maior ocorrência, utilizadas neste campo semântico para compor o cenário do sertão, a *carnaúba* e *angico*, são justamente as árvores, segundo o autor, símbolo das virtudes do homem sertanejo. É o que podemos constatar pelas próprias palavras do autor no seguinte trecho da obra: “*Sempre verdes, ainda quando não cai do céu uma só gota de orvalho, estas plantas simbolizam no sertão as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança*”. (p. 14)

Entretanto, buscando a origem dessas espécies de árvores, verificamos nos dicionários consultados que, embora a carnaúba seja normalmente relacionada ao Nordeste do Brasil, pode ser encontrada também em outras regiões do Brasil, evidenciando que Alencar não estava preocupado com uma região especificamente delimitada em suas fronteiras, mas, ao contrário, sua preocupação era com o país em toda a sua extensão territorial. Era mostrar a força e a energia da “terra brasílica”.

Isso é também o que vamos encontrar nos demais subitens que formam o campo léxico da flora. O campo léxico das *árvores frutíferas*, por exemplo, forma-se por vocábulos, também, facilmente reconhecidos em diversas regiões do Brasil, principalmente, *goiabeira*, *maracujazeiro* e *cajazeira*. Para se ter um exemplo, os itens *catolés*, *jurema* e *ateira* são registrados por Lorenzi (2000), em seu livro *Árvores brasileiras*, como espécies típicas do Rio de Janeiro.

Quanto à origem das palavras, esse campo léxico, à maneira do anteriormente focalizado, constitui-se de palavras oriundas do tupi, com exceção do item lexical *ateira*, o que revela mais uma vez a tendência do escritor em valorizar a língua portuguesa falada no Brasil.

As unidades vocabulares *alecrim*, *barbatimão*, *algodoeiro*, *carrapicho*, *língua-de-vaca*, *urtiga* e *unha-de-gato* estruturam o campo léxico denominado *Plantas medicinais* e simbolizam parte da extraordinária reserva de recursos naturais de nossas florestas e que podem ser utilizados na cura de doenças.

O subcampo *plantas ornamentais*, ainda que em menor número, também representam uma pequena amostra da beleza da natureza do Brasil.

Finalmente, podemos afirmar que de todos os subitens que compõem a categoria A – *O universo*, do SC, o item III - *As Plantas* em seu subitem *As árvores, generalidades e A floresta, as árvores de que se utiliza a madeira*, foram os que apresentaram maior número de vocábulos e ocorrências, evidenciando mais uma vez a estratégia do autor para a elaboração de seu projeto de exaltação da beleza, riqueza e diversidade da flora brasileira.

Já o campo léxico da fauna, (item IV do SC – *Os animais*), compõe-se de 72 vocábulos com 452 ocorrências, distribuídas nos subcampos *animais quadrúpedes (generalidades)*, *domésticos*, *animais dos campos e da floresta*, *os que vivem próximos da água*, *as aves e os répteis*.

Esse campo léxico foi também destacado por Alencar para, ao lado dos elementos da flora, constituir um cenário originalmente local, evidenciando assim, o que havia de mais brasileiro: o interior, a natureza e os campos habitados pelos animais e pelo homem “brasileiro sertanejo”.

O primeiro subitem, *generalidades* está estruturado por nove itens lexicais que se referem aos elementos gerais da fauna. São 11 vocábulos e 147 ocorrências. Sobressaem-se nesse campo, quanto ao número de ocorrências, os itens vocabulares *animal* -48 oc., *gado* -39 oc. e *touro* -37 oc. Esse subitem, ao lado do subitem *animais domésticos*, em que ressaltamos os vocábulos *boi*, *cavalo*, *cão* e *cabra*, representa, genericamente, os animais que servem ao homem, seja para a sua sobrevivência, lazer ou trabalho. Constituem os elementos de caracterização do espaço denominado sertão, bem como as atividades econômicas em desenvolvimento no país. O subitem os *animais do campo e da floresta* apresenta 15 unidades lexicais e os *animais que vivem próximos da água* 4 itens lexicais.

Já o subitem *aves em particular* forma o campo léxico de maior destaque quanto ao número de vocábulos. Esse subcampo léxico composto por 30 vocábulos, ao lado dos demais subcampos que constituem o campo conceptual da fauna, apontam para a grande riqueza e diversidade de espécies animais que habitam os campos e as florestas de todo o país.

A despeito da origem das palavras que compõem o item I - *Os animais*, vale ressaltar que houve predomínio de vocábulos oriundos do tupi. Dos 72 itens vocabulares que constituem esse campo conceptual, 29 são de origem tupi, 25 do latim e 22 de outras origens ou de origem não determinada. Nos subitens *animais do campo*, *aves em particular* e *répteis*, também houve predominância de vocábulos do tupi, ou seja, dos 12 vocábulos que compõem o subitem *animais do campo*, 7 são oriundos do tupi, e dos 30 itens lexicais que compõem o subitem *aves em particular* 17 são do tupi e dos 6 vocábulos que compõem o subitem *répteis*, 4 são, também, do tupi. Isso nos permite constatar, mais uma vez, que exaltar a língua indígena foi um dos recursos utilizados por Alencar na direção da valorização da figura do índio e do sertanejo do Brasil, como elementos indispensáveis para o processo de configuração da nova nação que, desejosa da autonomia política, cultural e lingüística, teve, na figura desse romancista, a possibilidade de mostrar ao Velho Mundo a sua grandiosidade.

Conforme pudemos constatar pelas análises, todas as espécies de plantas e animais citadas por Alencar, nas descrições de nossa flora e fauna, podem ser encontradas também em outras regiões que não sejam, necessariamente, no sertão ou no Nordeste. Isso pôde ser verificado, também, quanto ao aspecto lingüístico, pois, pela análise dos vocábulos que compõem o campo conceptual da flora e fauna, vimos que muitos daqueles utilizados pelo autor são de uso em todo o país (brasileirismos), seja os de origem tupi ou latina e, ainda, pelo predomínio de termos típicos da ciência Botânica e Zoologia.

Quanto às marcas de uso que recebem dos dicionários consultados, vimos que dos 53 vocábulos que constituem o campo conceptual da flora, 47 (88,67%) foram classificados como termos da Botânica, sendo que destes, 29 (61,70%) recebem a marca de uso *brasileirismo*. Já com relação à fauna, constatamos que dos 72 vocábulos representativos da fauna 59 (81,94%) receberam a classificação de termos pertencentes à Zoologia. Destes, 34 (57,62%) foram classificados, pelas obras consultadas, como *brasileirismos*. Apenas 3 (2,4%) dos vocábulos foram classificados como regionalismos e no subitem *répteis* os vocábulos foram classificados como termos da Herpetologia. Mais uma vez constatamos o intento de Alencar por valorizar os aspectos da natureza do Brasil. Para tanto, ele procurou priorizar vocábulos de uso no Brasil, numa demonstração de que pela língua se pode conhecer a cultura, os costumes e a riqueza de um país. A flora e a fauna retratadas pelo escritor não são a flora e a fauna da região nordeste, mas a flora e fauna conhecida em todo o Brasil.

Além disso, é preciso ressaltar, também, que, com relação à construção, por Alencar, deste “sertão brasileiro”, isto é, do universo brasileiro, algumas unidades vocabulares, embora não pertençam aos campos léxicos flora e fauna, apresentaram ser de grande relevância no contexto da obra. Por exemplo, os itens lexicais, cujos sememas revelam parte do mundo físico que constitui a natureza tais como: *sertanejo* -219 oc, *inverno* -22 oc e *terra* -83 oc.

A unidade lexical *sertanejo* tem valor de destaque na obra em análise. Não só pelo número de ocorrências, 219 vezes, mas também, e, sobretudo, pelas conotações que adquire para atender ao propósito do autor em estudo. O item lexical *sertanejo* representa na obra o próprio homem brasileiro que habita as mais diferentes regiões do país. Aquele capaz de reconhecer em sua pátria toda a sua religiosidade, sua cultura, sua língua, sua força, coragem e bravura. O sertanejo é o homem do Ceará, do Nordeste, do Sudeste,

do Norte, do Centro-oeste e do Sul. É o que constatamos em algumas das muitas passagens em que isso é facilmente justificável. Vejamos:

“Ajoelhou então o sertanejo à beira do canapé; tirando do peito uma cruz de prata, ...” (p. 19)

“Com as mãos postas e a fronte reclinada para fixar o símbolo da redenção, murmurou uma ave-maria, que ofereceu à Virgem Santíssima como ação de graças por haver permitido que ele chegasse a tempo de salvar a donzela”. (p. 19)

“...o sertanejo tinha dentro d’alma um poderoso sentimento, que lhe encadeava os assomos da paixão, e o soldava ao pavimento”.(p. 19)

“Para ele, sertanejo, filho do deserto, tão poderosas manifestações da força tinham majestade e beleza épicas”. (p. 37)

“Para o sertanejo a floresta é um mundo, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando. A seu olhar perspicaz as clareiras, as brenhas, as coroas de mato, distinguem-se melhor do que as praças e ruas com seus letreiros e números”. (p. 46)

“Embora falhem muitas vezes essas promessas, o sertanejo, como os animais e toda a natureza que o cerca, recebe sempre com intenso prazer as alvíssaras de bom ano. (p. 48)

“A luta de um homem só contra o tirano das florestas brasileiras não era novidade: sabiam que o sertanejo afronta a onça e a abate a seus pés. (p. 57)

“O sertanejo é supersticioso”, (p. 123)

Como podemos perceber, a unidade vocabular *sertanejo* tem seu sentido ampliado para além de seu sentido literal, passando a simbolizar o próprio homem brasileiro com sua coragem, com sua força, com sua cultura, tradições e costumes.

Já com relação ao item lexical *inverno*, o que nos chama a atenção é que, além de ter um número consideravelmente expressivo em relação a outros vocábulos, a palavra tem seu valor semântico ampliado, isto é, deixa de ser a estação mais fria do ano, para simbolizar a fartura, a alegria, a vida. O inverno no contexto da obra, está muito mais relacionado às chuvas do que ao frio. É o que podemos constatar no trecho seguinte:

“ — Chuva! Arnaldo proferiu esta palavra, dirigindo-se a Nicácio que estava a seu lado; possuído do vivo prazer que a vinda do inverno desperta sempre no homem do sertão, sua alma expandiu-se para dar aos outros as alvíssaras dessa alegria”. (p. 47)

Todas as ocorrências da lexia *inverno* estão relacionadas à recomposição da natureza com a chegada das chuvas e a possibilidade de vida para o homem e para os animais.

Chama-nos, ainda, a atenção o fato de que a acepção mais utilizada pelo autor foi a de *terra* como sinônimo de pátria, o que revela o sentimento de valorização da nação brasileira, era o sentimento nacionalista que se aflorava.

A unidade lexical *sertão* também chama a atenção, já que aparece na obra com vários significados. Às vezes na acepção dos dicionários; em outras, nos revela uma concepção de sertão que foge daquela encontrada nos dicionários, isto é, uma região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas. E passa a designar uma região que vive um período de seca, mas uma região fértil como qualquer outra do país com suas campinas, várzeas, vales, serras e campos. Pó r exemplo: Oo **sertão** como campo, **pasto**: “O gado de várias espécies, que os primeiros povoadores tinham introduzido na capitania do Ceará, se propagara de um modo prodigioso por todo o sertão, coberto de ricas **pastagens**”. (p. 25); o **sertão** como uma **região** específica: “... vieram estabelecer-se nos sertões do **Ceará**; e ali fundaram grandes herdades...” (p. 25); o **sertão interior** do país: O cavalo deste sertão de **Quixeramobim** caminha o dia inteiro, come um ramo de juá, e só bebe água quando encontra a cacimba. Aonde há mais valente campeão? (p. 39); o **sertão**, região despovoada, **terras incultas**: “A cavalgada atravessa agora uma zona, onde o sertão ainda **inculto** ostenta a riqueza de sua vária formação geológica”. (p. 102); o **sertão** como região **agreste**: “Nessa época o sertão parece a **terra combusta** do profeta; dir-se-ia que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das árvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indígenas”. (p. 13); o **sertão** como um lugar **sem limites** claros: “Ali costumava o sertanejo passar a noite ao relento, conversando com as estrelas, e a alma a correr por esses sertões **das nuvens**, como durante o dia vagava ele pelos sertões **da terra**”. (p. 31); **sertão** como um lugar **sem limites** claros: “Ali costumava o sertanejo passar a noite ao relento, conversando com as estrelas, e a alma a correr por esses sertões **das nuvens**, como durante o dia vagava ele pelos sertões **da terra**”. (p. 31); a **pátria sertão**: “Para o sertanejo a floresta é um **mundo**, e cada árvore um amigo ou um conhecido a quem saúda, passando”. (p. 46); o **sertão universal**: “Teu pai, o Louredo, nosso vaqueiro, e o primeiro campeador de todo este Quixeramobim, o que quer dizer de todos os sertões **do mundo**, levou uma semana atrás desse boi desaforado”. (p. 132).

Enfim, o conjunto de itens léxicos, analisados neste estudo, desvela parte da composição, por Alencar, do grande cenário brasileiro em que vimos focalizados a flora e a fauna brasileiras, descritas em toda a sua beleza, diversidade e riqueza, revelando, à maneira romântica, a grandiosidade da nação brasileira.

5. Considerações Finais

O levantamento e análise dos vocábulos representativos da flora e fauna na obra *O sertanejo* demonstrou que a diversidade de espécies de plantas e de animais descritas por Alencar não habitam apenas o Nordeste do país, ao contrário, podem ser encontradas nas mais diferentes regiões do país. Conforme verificamos nas pesquisas feitas em dicionários de Botânica e Zoologia, várias das espécies de plantas e animais focalizados pelo autor em seus vários quadros descritivos da natureza brasileira, não são espécies tipicamente do sertão ou da região Nordeste do Brasil. Pelo contrário, muitas delas podem ser encontradas em diferentes regiões do país; seja no Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte ou Nordeste.

Isso comprova a hipótese de que a pretensão de Alencar não era retratar a região ou a natureza do Nordeste brasileiro ou criar um romance regional, mas mostrar, através de um sertão idealizado, criado a partir da visão romântica da natureza, um espaço ficcional em que se pudesse desvelar o país recém-independente, a terra não desbravada, em toda a sua extensão, beleza e grandiosidade. O sertão é a pátria, a terra natal, é o próprio Brasil - o que, de certa forma, nos leva a pensar que “O sertanejo” de Alencar pode ser o homem brasileiro. Alencar quer revelar a paisagem dos trópicos, as particularidades e a identidade do interior e da vida rural, com vistas a tornar literário todo o Brasil. Para tanto, o autor vale-se da descrição e exaltação da terra, da natureza e, sobretudo, da criação de um sertão literário, para atribuir à obra o caráter nacional. Conforme já mencionamos, a terra é identificada como pátria. Dessa maneira, os fenômenos naturais tornam-se representativos da grandeza do país. A natureza rica, jovem, vital, exuberante, serve para simbolizar a grandeza, a força e as potencialidades da nação brasileira, pronta para crescer e se desenvolver por si mesma.

Assim, reafirmamos: Alencar não estava preocupado em retratar apenas o nordeste brasileiro ou mais especificamente o Ceará, mas o Brasil. Seu propósito era revelar através do sertão e, consoante o ideário romântico, a nação brasileira naquilo que lhe era mais espetacular: a diversidade de espécies de plantas e animais, sua geografia, seus rios, suas várzeas, seus campos, seu povo, sua cultura e sua língua. O sertão alencariano não é um sertão cearense, como até poderíamos supor, já que o autor era um cearense e, além do mais, inicia a obra *O sertanejo* afirmando “Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal” (p. 11). Este é o sertão concebido na visão romântica da natureza. Alencar, talvez, não tenha visto o sertão que descreveu, pois suas descrições, seja da natureza, da história ou da geografia do Brasil, sugerem a idealização de uma nova nação.

É verdade que alguns anos de sua infância no Ceará podem tê-lo influenciado ou motivado alguns pontos do romance, mas não o suficiente para afirmarmos que a natureza descrita pelo autor seja fruto de sua observação direta da natureza que descreve. O que depreendemos disso é que, muito do que Alencar escreveu em suas obras foi fruto de sua necessidade de dar ao país a independência literária que justificasse o momento de independência política.

Assim, o sertão foi criado de modo a constituir-se como um dos elementos de afirmação da identidade, da nacionalidade, da superioridade e das diferenças em relação aos lusitanos. E nessas diferenças estava também a língua, entendida por ele como o elemento fundamental para o estabelecimento da identidade de um povo. Alencar reconhece na língua sua maior característica: a capacidade de renovar-se continuamente e de ser fato lingüístico, social e cultural.

Assim sendo, a obra *O sertanejo* deve ser percebida, não como uma obra regionalista, mas como um “fragmento do grande mural da nacionalidade que José de Alencar realizou na sua obra de romancista” (PROENÇA 1974, p. 104).

Valer-se da língua e da literatura para revelar a integração e harmonia do homem com a natureza, sua beleza e diversidade era uma maneira de revelar também a força e a capacidade da nação em todos os aspectos: lingüísticos, históricos, culturais, sociais, geográficos, dentre outros. Enfim, era uma forma de resgatar e mostrar a nossa autonomia frente à autoridade do colonizador.

O comprometimento de Alencar com a criação de uma literatura com raízes brasileiras e com a língua portuguesa, com jeito brasileiro, foi uma das suas melhores contribuições para com a caracterização da língua portuguesa além dos mares. A literatura brasileira adquire, assim, uma dimensão nacional e passa a ser vista sendo como algo criado para que fosse viabilizada a expressão de um sentimento de patriotismo. E isso pode ser constatado nas estratégias de criação literária e no léxico utilizado pelo autor na obra em

análise. Conforme pudemos demonstrar em nossas análises, houve um predomínio de vocábulos de origem tupi nos campos léxicos analisados.

Assim, podemos afirmar que *O sertanejo* constitui-se num romance em que as diversificadas regiões culturais brasileiras são descritas e focalizadas na sua tipicidade e contraste, ressaltando em cada uma os diversos tipos humanos que ficariam, sobretudo depois, como símbolos do homem brasileiro: o sertanejo.

Finalmente podemos afirmar que a grande contribuição alencariana foi o da reivindicação de um uso brasileiro da língua portuguesa. Para tanto, era preciso reconhecer na língua sua maior característica: a capacidade de renovar-se continuamente e de ser fato lingüístico, social e cultural.

Isso posto, vemos desvelada a incontestável relação entre linguagem e realidade, língua e cultura, e, ainda, a característica da linguagem não só como reflexo da realidade, mas também como geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui.

Portanto, certos de que quando se chega ao final de uma pesquisa não estamos fechando conclusões, esperamos que este estudo possa contribuir para mostrar algumas características do léxico alencariano na obra *O sertanejo*, que possam favorecer àqueles que ensinam ou aprendem literatura, ou que se interessam pelo estudo e compreensão da obra alencariana. E quem sabe estudos dessa natureza não possam apontar para uma nova forma de ensinar literatura nas escolas.

6. Referências bibliográficas

ALENCAR, J. de. *O Sertanejo*. São Paulo: Ática, 1975. “Cotejado com a ed. original de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1875”. 206 p.

_____. *Diva*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1864. 75 p.

_____. *Sonhos d’Ouro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1872. 161 p.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria do editor Antonio Maria Pereira, 1888. 2 vols.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981. 323 p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística: lingüística qualitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 274 p.

_____. **A estrutura mental do léxico**. In: *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1981. p. 131 – 145.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. 355 p.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: UNB, 1998.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Arthur Brandão e Cia, 1899. 2 vols.

HALLIG, R. & WARTBURG, W. von. *Système raisonné des concepts pour servir de base à la lexicographie*. Berlin, Akademie Verlag, 1963.

GECKELER, Horts. **Semântica estrutural y teoria del campo léxico**. (trad. Marcos Martínez Hernández, Madrid, Editorial Gredos, 1976.

HARRIS, Lorenzi. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Plantarum, 1998. 3 v.

LORENZI, Harri., *Árvores brasileiras : manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa, São Paulo: Plantarum, 1992-2002.

- MATORÉ, George. (1953), *La Méthode en Lexicologie: domaine français*. Paris: Marcel Didier, 1953.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística, os níveis da fala*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1977.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966. 147 p.
- SILVA, Antonio de Moraes (1755-1824). *Dicionário de Língua Portuguesa*. FAC – Símile da 2ª ed. Typografia Lacérdina: Ed Lisboa, 1813. 2v
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- WARTBURG, W. von. *Problèmes et méthodes de la linguistique*. (traduit par Pierre Maillard). 2ème. Édition, Paris, PUF, 1963.